

A CONSTITUIÇÃO DE DISTRITOS TURÍSTICOS ÉTNICOS NA CIDADE DE SÃO PAULO NOS ANOS 1970

Sênia Regina Bastos

Universidade Anhembi Morumbi

bseniab@terra.com.br

Introdução

Áreas urbanas associadas a uma herança étnica ou racial nem sempre foram valorizadas por sua potencialidade econômica e muitas vivenciaram históricos de opressão e estigmatização. Geralmente estabelecidas em áreas originalmente pouco atraentes, superaram sua condição inicial em virtude do empenho dos moradores e de empreendedores ou em decorrência de programas de renovação urbana. (CONFORTI, 1996)

A potencialidade do tema étnico para a revitalização de distritos é explorada inicialmente nos Estados Unidos nos anos 1960, modelo que influenciou diversas iniciativas em outros contextos e constitui pauta de abordagens comparativas (FORD; KLEVISSER; CARLI, 2008; COLLINS, 2007).

A cidade de São Paulo potencializou dois distritos próximos à área central associados as suas respectivas heranças étnicas, como uma das estratégias dos programas de renovação urbana estabelecido nos anos 1980. Apoiada nessa assertiva e na pesquisa de campo e documental, a proposta analisa a importância do turismo nos programas de revitalização e valorização do tema étnico dos distritos paulistanos da área central.

Referencial teórico

Conforti (1996) salienta as implicações da preservação associada ao turismo para a sociedade americana. Alerta para os efeitos negativos dessa modalidade de preservação quer ao reforçar a associação de determinado estereótipo ao local, quer ao operacionalizar uma reconstrução seletiva do passado. Ford, Klevisser e Carl (2008) problematizam esse modelo para a realidade da Europa Central, assinalando os

procedimentos necessários para a celebração da identidade étnica na promoção dos distritos centrais das cidades.

A valorização da arquitetura, da estética e da vida urbana dos distritos étnicos constituem os elementos centrais de sua ambientação e diferenciação, cujos ajustes de representação se adequam à atividade turística. A generalização dessa estratégia resulta na preservação histórica e celebração tanto da etnia real quanto de uma identidade romantizada. Até mesmo pequenas áreas possuem potencialidade para desempenhar importante papel na imagem de uma cidade, e sequer a ausência de um enclave étnico¹ constitui entrave ao seu desenvolvimento, pois a literatura comporta estratégias de invenção de paisagens étnicas, com variações de identidade italiana, chinesa, coreana, japonesa e grega. (FORD, KLEVISSER, CARL, 2008)

Destaca-se a estratégia de valorização de uma ou mais ruas dominantes, nas quais se concentram restaurantes étnicos, cafés, mercearias, lojas de presentes, cabelereiros, edificações religiosas, empresas, decoração externa (texturização e pintura colorida de calçadas, murais e iluminação) e mobiliário urbano (portais, placas, lixeiras etc.). Nessa área também é comum a celebração de festas tradicionais de rua e realização de eventos associados à referida identidade. O plano de revitalização comporta mudanças na infraestrutura destinada a favorecer a acessibilidade, tais como alargamento de calçadas e estabelecimento de transporte público para estimular o visitante a caminhar pelo local e visitá-lo sem carro, definição de área para estacionamento, bem como criação de site oficial com informações sobre atividades e realização de eventos. (FORD, KLEVISSER, CARL, 2008; CONFORTI, 1996)

A manutenção desses programas em distritos nos quais se verifica a redução do número de moradores associados à referida etnia e seus descendentes e a fixação de imigrantes de outras nacionalidades na mesma área é problematizada por Conforti (1996). Para esse autor, a motivação para a visita advém da identidade promovida pelo local, ou seja, atrai sobretudo descendentes em busca de suas raízes ancestrais, a curiosidade por conhecer o ambiente étnico nostálgico e desfrutar dos sabores disponíveis nos estabelecimentos de alimentação.

¹ Considera-se enclave étnico o distrito que expressa a identidade étnica do grupo e funciona como centro de migração e de apoio mútuo. (RATH et al., 2017.)

Elemento de diferenciação, o recurso etnocultural apresenta viabilidade econômica, potencializá-lo implica em dotá-lo de visibilidade, torná-lo disponível, integrando-o na atividade turística maior da cidade (RATH, 2007). Distinguíveis no meio urbano, a distribuição dos grupos étnicos que preservam suas identidades culturais variam: existem pequenas concentrações associadas a igrejas, escolas, clubes ou instituições, bem como grandes concentrações ou ainda pequenas “ilhas” distribuídas por toda a cidade. Sua coesão é mantida por meio da criação e manutenção de instituições culturais, redes de apoio, manutenção do idioma etc. Essa presença cria uma paisagem cultural que expressa o simbolismo, estilo e iconografia do grupo, dota-a de odores, sons e sensibilidades que lhe são associadas (RATH, 2007; TIMOTHY, 2002).

A mercantilização dos aspectos culturais e representações simbólicas de determinadas localidades, individualizadas nas cenografias urbanas por meio das fachadas das edificações, plasticidade dos logradouros, decoração e atendimento dos estabelecimentos que comercializam serviços ou bens que lhes são característicos em lojas, restaurantes, cafés, mercearias e bares, ajudam a preservar as tradições e valores comuns ao grupo. Festivais e eventos culturais comumente realizados com o intuito de fortalecimento da comunidade étnica, são incluídos no calendário de eventos da localidade, associados às campanhas de marketing para promovê-los, visam atrair pessoas externas às redes sociais dos grupos imigrantes, estimulando a sociabilidade nas ruas e o consumo cultural (RATH, 2007; COLLINS, 2007; GOMES, 2002; TIMOTHY, 2002).

As cidades brasileiras receberam contingentes imigratórios significativos e apresentam legados étnicos passíveis de serem mercantilizados pelo turismo. A cidade de São Paulo apresenta distritos étnicos revitalizados para a atividade turística, a complexidade da constituição desses programas implementados a partir da década de 1970 constitui rico objeto de análise. Embora os dois casos selecionados não esgotem outros possíveis distritos étnicos, são significativos para a compreensão dos diferentes projetos implementados com essa modalidade de ênfase. Com o objetivo de contextualizar o lócus de pesquisa, serão caracterizados a seguir alguns aspectos concernentes aos bairros da Liberdade e Bela Vista.

O contexto migratório da cidade de São Paulo (SP)

O incremento do fenômeno imigratório na cidade de São Paulo encontra-se associado à cultura cafeeira do interior paulista a partir de 1880, embora a imigração remonte à colonização do país. Ao seu quadro de crescimento populacional acrescenta-se a migração interna, resultante da mudança na política imigratória brasileira, em decorrência do fim dos subsídios à imigração em 1927, valorização do trabalhador nacional, entre outros fatores, provocando a inversão do quadro de entradas em São Paulo, ou seja, o declínio do número de imigrantes e incremento do fluxo de migrantes internos.

A diversidade de nacionalidades presentes na cidade encontra-se associada aos ingressos direcionados ao Estado São Paulo, sendo os maiores ingressos, respectivamente, italianos (1.622.491), portugueses (1.662.180), espanhóis (716.052), alemães (223.517) e japoneses (248.007). Mas há originários, sobretudo, da Europa Central e do Leste, entre os quais, poloneses (católicos e judeus), russos, ucranianos, baltas (provenientes da Estônia, Letônia e Lituânia), iugoslavos, tchecos, apátridas, etc., além de armênios, sírios, libaneses etc.

A partir da década de 1960, registram-se as entradas das levas de latino-americanos, em que se destacam os bolivianos e os peruanos, mais recentemente, argentinos, paraguaios e colombianos. Nos anos 1990, ingressam nacionalidades de diversas partes da África, angolanos, nigerianos etc., e nos últimos anos, imigrantes provenientes do Haiti, em virtude do terremoto de 2010, entrados a partir de visto humanitário concedido pelo Governo brasileiro e, refugiados sírios, que já se destacam em empreendimentos de alimentação na área central, bem como de venezuelanos. Ao longo desse período, continuamente registra-se o ingresso de chineses, a ponto de constituir-se como o segundo maior grupo entre 2001 e 2017 (VEIGA, 2018).

Tal contexto resulta no crescimento populacional acelerado da cidade de São Paulo, onde a concentração estrangeira atinge o ápice na década de 1920. Mas o incremento populacional paulistano também advém do ingresso de migrantes provenientes de diferentes lugares de origem do território nacional. A partir da década de 1940 o gradativo fluxo de nordestinos impacta o cotidiano, gerando tensões com a população já residente (Fontes, 2008), a ponto de ano 2000, de acordo com o IBGE (diversos anos), atingir 51% da população não natural residente nesse município.

Associado à diversidade de nacionalidades verificam-se evidentes concentrações étnicas em alguns bairros paulistanos. Parte dos imigrantes/migrantes criaram e mantêm instituições culturais e paisagens culturais que sofrem o processo cotidiano de ressignificação, tanto por parte das gerações subsequentes, quanto por influências advindas da mercantilização de suas expressões e imaginários culturais (PAIVA, 2011; RATH, 2007; COLLINS, 2007). Com efeito, interferências são efetivadas nessas localidades para potencializar a atividade turística. Garantir a manutenção de suas particularidades e preservar suas representações simbólicas dota de contraditoriedade a relação com o turismo, quer ao potencializar um único esteriótipo etnocultural em uma região na qual se verificou a instalação de sucessivas etnias ao longo do tempo, quer ao impor um único padrão de representação simbólica para incrementar a visitação turística. Compreender como as dinâmicas sociais dos bairros de concentração étnica foram afetadas pela atividade turística constitui um tema importante para os estudos que relacionam turismo e migração.(GABACCIA, 2009; COLLINS, 2007)

Os distritos analisados

Bela Vista e Liberdade constituem exemplos de distritos paulistanos nos quais a promoção turística valoriza o aspecto étnico, diferenciam-se, no entanto, não só em razão das etnias ativadas, mas sobretudo em decorrência das dinâmicas de definição e desenvolvimento da atividade turística.

Localizados nas proximidades da área central, a origem desses dois distritos remonta às chácaras paulistanas loteadas em razão do incremento populacional no final do século XIX, sobretudo do fluxo italiano. Nesse sentido, parte de suas edificações e arruamento remanescentes são tributários desse período, ou seja, integram o repertório cultural, modos de fazer e de viver italianos adaptados às condições existentes na cidade.

Lanna (2011) acentua que o fluxo de imigrantes oriundos do sul da Itália (Calábria, Basilicata e Campânia) estabelecido no Bexiga a partir 1890, era formado por grupo heterogêneo (composto desde trabalhadores agrícolas expropriados a pequenos proprietários), com predomínio de homens jovens e sozinhos que não integrava a imigração subvencionada para as fazendas de café do interior paulista, mas se

direcionava à capital paulista, onde deixou marcas e vestígios reveladores da situação do estrangeiro.

A pesquisa por ela realizada sobre as obras particulares edificadas ou reformadas nessa região evidencia “os múltiplos arranjos de moradia e organização do espaço público”: quer em razão da existência de lotes grandes e da construção de sobrados por parte de famílias abastadas, quer de lotes pequenos, de frentes estreitas e fundos extensos, que facilitou construções de moradias operárias, habitações de usos múltiplos (caracterizadas por casas com armazéns e lotes na frente, casas com oficinas nos fundos ou com cocheiras), ou habitações coletivas (representadas pelos cortiços com casinhas em série ocupando os fundos do lote ou a prática de subdividir e habitar os porões) associando à edificação: moradia, trabalho e lazer. (LANNA, 2011, p. 120)

Tanto a Bela Vista quanto a Liberdade concentram historicamente grande incidência de cortiços, forma “rentável de produção do espaço (MOTSUQUE, 2008, p. 113)” que permanecem nessas regiões apesar de vários planos destinaram-se a erradicá-los ou adaptá-los para tornar a vida de seus ocupantes mais digna.

Apesar da população negra já existente na Bela Vista antes da chegada dos italianos, o bairro notabilizou-se pela concentração desse último. Os negros permaneceram nas proximidades do córrego Saracura, cujos terrenos alagadiços preservam essa característica embora o córrego tenha sido canalizado, ao passo que os italianos se dispersaram em diversas direções, edificando de acordo com os recursos disponíveis. (CASTRO, 2008; LUCENA, 1983, 2013)

Foram as cantinas italianas as responsáveis por atrair ao bairro famílias paulistanas ou de outras etnias em busca de experiências gastronômicas ainda nos anos 1950, período ao qual se atribui o início da prática de se comer fora de casa (COLLAÇO, 2009). Por sua vez, a presença dos teatros atraía outras modalidades de frequentadores, indicando a sua importância cultural e estabelecendo caráter boêmio à região. (LUCENA, 1983, 2013)

A falta de renovação do fluxo de italianos no bairro resultou na redução expressiva dessa comunidade, composta, sobretudo, por descendentes e que se vê cada vez mais reduzida. Apesar do incremento de moradores e trabalhadores nordestinos, iniciativas da comunidade preservam o seu caráter italiano, quer pela edição anual da festa da Achiropita, presença de cantinas nas ruas Treze de Maio, Conselheiro Carrão,

Rui Barbosa e Santo Antônio, quer pela permanência da arquitetura, em virtude do tombamento do bairro em 2002 (Resolução n. 22/2002).

Diferentemente dos italianos, parte dos imigrantes japoneses que ingressou no Brasil a partir de 1908, passou a se fixar no bairro da Liberdade já edificado em busca de novas oportunidades de trabalho (HANDA, 1987). Inicialmente permaneceram na Rua Conde de Sarzedas, nos porões dos prédios construídos por italianos. Sua concentração na região foi apontada como preocupante por Araújo (1940; 1941) ao analisar o recenseamento da cidade de São Paulo de 1937, em virtude da endogamia e permanência do idioma japonês como fatores dificultadores de sua assimilação. Deslocados dessa região inicial em virtude da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, quando permitiu-se o seu retorno, além dessa região inicial expandiram-se para as proximidades do Largo da Liberdade, sobretudo, nas ruas Galvão Bueno e Estudantes.

A presença de restaurantes de comida japonesa, cinema com filmes japoneses, comércio de produtos orientais, médicos da própria colônia etc. atraía a visitação de japoneses residentes no interior do Estado. Além dessa comunidade, o distrito passou a abrigar chineses e coreanos nos anos 1960, motivados pela proximidade do idioma, disponibilidade de produtos orientais e aluguéis acessíveis. (NEGAWA, 2000)

Justamente nesse período projetos de modernização urbana afetaram de forma concomitante Liberdade, Bela Vista e respectivas comunidades. Destacam-se as intervenções modernizantes (1964), construção da linha Norte-Sul do Metrô (1968-1974) e o Plano Urbanístico Básico do Município de São Paulo (1968), que resultaram em intervenções viárias de caráter arrasador. De inspiração americana, o modelo adotado estabeleceu cirurgias urbanas e obras avassaladoras de demolição, descaracterizou e destruiu edificações e arruamentos, contribuiu para configuração de barreiras de isolamento em um mesmo bairro e a intensificar a especulação imobiliária. (FRÚGOLI JR, 2006, 1995; MOTISUQUE, 2008; KARA-JOSÉ, 2007)

Ainda nos anos 1970, um plano de revitalização para a recuperação do patrimônio histórico, ativação da economia e incentivo ao turismo será estabelecido para minimizar os efeitos dos referidos projetos nos respectivos bairros.

Por iniciativa do poder público e apoio da Associação Confraternização dos Lojistas do Bairro da Liberdade, atual Associação Cultural e Assistencial da Liberdade

(ACAL), parte do território da Liberdade foi ressignificado culturalmente mediante estabelecimento de um plano de transformação do distrito (1968-1972), a partir de modelo inspirado na *Little Tokyo* americana de Los Angeles (NEGAWA, 2000). Previu-se o estabelecimento de elementos decorativos com características da cultura japonesa no mobiliário urbano, tais como lanternas (*suzurantô*) e arcos (*Torii*), expressões visuais orientais nas fachadas, além da exibição de atrações culturais na Praça da Liberdade, definindo-se sua característica como oriental (inter-étnica) e não apenas japonesa. Novo plano de revitalização fortalece o caráter oriental nos anos 1990, período no qual se verifica a redução do número de empreendedores japoneses e o incremento tanto da participação de capital chinês quanto do coreano. (NEGAWA, 2000; MORI et al., 2010; CHOI, 1991)

Ao que se refere à Bela Vista, um projeto de revitalização da Vila Itororó visava alterar o uso residencial transformando-a em restaurante, belvedere e ateliês de artistas em 1982. Esperava-se que o uso cultural, de lazer e turismo, atividades consideradas pertinentes a um bem tombado, induzisse a recuperação do entorno, todavia, o projeto não se efetivou em decorrência da oposição técnica do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat), que iniciou o seu processo de tombamento em 1982, concretizando-o em 2005 (Resolução n. 9, de 10/03/2005; RODRIGUES, 2001; MOTISUQUE, 2008). Seguiu-se um Concurso de ideias para a reabilitação do bairro do Bexiga, proposto pela Emurb em 1989, que envolveu moradores, técnicos de diversas áreas e “um amplo processo de debates para a formulação e escolha dos projetos” (MOTSUQUE, 2008, p. 95). Preservação e renovação constituíram a pauta do projeto vencedor, que propôs a recuperação dos equipamentos culturais e dos espaços públicos, bem como intervenções nos cortiços, produção de moradia de interesse social, além do estabelecimento de escritório local destinado a atuar como mediador de conflitos. Transformado em projeto de lei, não chegou a ser votado na Câmara Municipal de São Paulo apesar da mobilização inicial (MOTSUQUE, 2008).

Por sua vez, na resolução de tombamento do Bexiga (Resolução n. 22/2002), que inscreve 1.400 imóveis e respectivo perímetro envoltório de proteção, o turismo se destacará como argumentação da preservação do conjunto. Associado ao Plano Diretor (2002), que sugere a implantação de áreas comerciais em bairros históricos, a proposta

de criação de Corredor Cultural e Gastronômico se materializará com a finalidade de requalificar a rua Treze de Maio e adjacências (SCRIPILLITI, 2017).

Conclusões

Os projetos de renovação urbana propostos para os dois distritos a partir da década de 1970 associam a atividade turística ao seu sucesso (KARA-JOSÉ, 2007). Eles valorizam os aspectos relacionados à imigração em áreas onde memórias de diferentes grupos encontram-se sobrepostas, silenciadas ou em disputa, operam representações do passado e ressignificam o seu patrimônio arquitetônico e paisagístico. Compreender esse processo implicou na releitura crítica dos projetos instituídos e dos discursos que inauguraram.

Apesar da manutenção desses programas constata-se a redução do número de moradores associados às referidas etnias e de seus descendentes, bem como a fixação de imigrantes de outras nacionalidades ou de migrantes na mesma área, mas que apresentam dificuldades para se colocarem como sujeitos e que chamam a atenção para a problemática atribuída à existência prolongada e institucionalizada do particularismo étnico e de sua paisagem cultural. Com a mudança dos atores sociais a etnicidade reduz-se à paisagem cultural configurada com as representações simbólicas e cenografias urbanas compostas por fachadas das edificações, plasticidade dos logradouros, decoração e atendimento dos estabelecimentos que comercializam serviços ou bens que lhes são característicos ou nos festivais e eventos culturais que estimulam a sociabilidade nas ruas e o consumo cultural.

Estereótipos etnoculturais apoiados na homogeneidade étnica estabelecem representações genéricas dessas identidades, ao passo que os demais grupos apresentam dificuldades para intervir na paisagem urbana estrutural e na dinâmica cultural consolidada, em um meio urbano criado em consonância com a atividade turística. Eles gradativamente interveem na denominação de logradouros, no estabelecimento de monumentos, bandeiras, publicidade, criação de clubes, salões, igrejas, grupos de entretenimento, atividades comunitárias, empresas, serviços e empregam-se como trabalhadores dos principais estabelecimentos destinados à atividade turística.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, O. E. Latinos e não latinos no município de São Paulo. **Revista do Arquivo Municipal**, 1941. v. 35.
- ARAÚJO, O. E. Enquistamentos étnicos. **Revista do Arquivo Municipal**, 1940. v. 65, p. 227–246.
- BAHL, M. **Legados étnicos & oferta turística**. Curitiba: Juruá, 2004.
- CASTRO, M. S. **Bexiga: um bairro afro-italiano**. [S.l.]: Annablume, 2008.
- CHOI, K. J. **Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil**. [S.l.]: Universidade de São Paulo, 1991.
- COLLAÇO, J. H. L. **Sabores e memórias: cozinha italiana e construção identitária em São Paulo**. Universidade de São Paulo.
- COLLINS, J. Ethnic precincts as contradictory tourist spaces. *In*: RATH, J. (Org.). **Tourism, ethnic diversity and the city**. New York: Routledge, 2007, p. 52–67.
- CONFORTI, J. M. Ghettos as tourism attractions. **Annals of Tourism Research**, 1996. v. 23, n. 4, p. 830–842.
- FONTES, P. **Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel paulista (1945-66)**. [S.l.]: FGV Editora, 2008.
- FORD, L.; KLEVISSER, F.; CARLI, F. Ethnic neighborhoods and urban revitalization: can Europe use the American model? **Geographical Review**, 2008. v. 98, n. 1, p. 82–102.
- FRÚGOLI JR, F. J. **São Paulo: espaços públicos e interação social**. São Paulo: Marco Zero, 1995.
- _____. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole**. São Paulo: Edusp/ Cortez Editora, 2006.
- GABACCIA, D. R. **We are what we eat: Ethnic food and the making of Americans**. [S.l.]: Harvard University Press, 2009.
- GOMES, L. G. Comércio Étnico em Belleville: memória, hospitalidade e conveniência. **Revista Estudos Históricos**, 2002. v. 1, n. 29, p. 187–207.
- HALL, Colin Michael; WILLIAMS, A. Tourism and Migration: New Relationships between Production and Consumption. *In*: HALL, C. MICHAEL & WILLIAMS, A. M. (Org.). Springer-Sc ed. Montreal: [s.n.], 2002, p. 1–52.
- HANDA, T. **O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil**. [S.l.]: TA Queiroz, Editor, 1987.

IBGE. **Censos demográficos**, diversos anos.

KARA-JOSÉ, B. **Políticas culturais e negócios urbanos: a instrumentalização da cultura na revalorização do centro de São Paulo (1975-2000)**. São Paulo: Annablume, 2007.

LANNA, A. L. D. Bexiga e os italianos em São Paulo 1890/1920. LANNA, Ana Lucia Duarte; PEIXOTO, Fernanda Arêas; LIRA, José Tavares Correia de. **São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades**. São Paulo: Alameda, 2011, p. 117–130.

LEVY, M. S. F. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972). **Revista de Saúde Pública**, 1974. v. 8, p. 49–90.

LUCENA, C. Bixiga revisitado. **São Paulo: IBRASA**, 2013. p. 86.

LUCENA, C. T. **Bixiga, amore mio**. [S.l.]: Editora Pannartz, 1983.

MORI, K.; RODRIGUES, C.; AROUCA, L.F.; SANTOS, M.O.; SILVA, R.F.; CHUANG, Y. Imigrantes japoneses no Brasil: trajetória, imaginário e memória. *In*: CARNEIRO, M. L. T.; TAKEUCHI, M. Y. (Org.). **Imigrantes japoneses no Brasil: trajetória, imaginário e memória**. São Paulo: Edusp, 2010, p. 579–602.

MOTISUQUE, D. **Reabilitação de áreas centrais: antagonismos e ambigüidades do programa paulistano ação centro**. [S.l.]: Universidade de São Paulo, 2008.

NEGAWA, S. **Formação e transformação do bairro oriental: um aspecto da história da imigração asiática da cidade de São Paulo, 1915-2000**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

PAIVA, O. C. Territórios da migração na cidade de São Paulo: afirmação, negação e ocultamentos. **Migrações: implicações passadas, presentes e futuras**. Marília: Oficina Universitária, 2011. p. 167–186.

RATH, J. **Tourism, ethnic diversity and the city**. [S.l.]: Routledge, 2007.

RODRIGUES, M. **Imagens do passado: a instituição do patrimônio em São Paulo: 1969-1987**. São Paulo: Unesp, 2001.

SCHMITT, R. C. Travel, tourism, and migration. **Demography**, 1968. v. 5, n. 1, p. 306–310.

SCRIPILLITI, A. C. N. **Verticalização e tombamento no bairro do Bexiga: Materialização e Tensão**. [S.l.]: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2017.

SILVA, D. G. M.; BASTOS, S. R.; SALLES, M. Do R. R. A presença húngara em São Paulo no pós Segunda Guerra Mundial. **Travessia. Revista do Migrante.**, 2016. v. Ano XXIX, p. 75–86.

TIMOTHY, D. Tourism and the growth of urban ethnic islands. *In*: HALL,

C.MICHAEL; RATH, J. (Org.). **Tourism and Migration**. [S.l.]: Springer, 2002, p. 135–151.

TRENTO, A. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1989.

VEIGA, E. A nova face da imigração nos 464 anos de São Paulo. **O Estado de S.Paulo** 21/1/2018.

VÉRAS, M. P. B. **DiverCidade: territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo**. [S.l.]: EDUC-Editora da PUC-SP, 2003.

WILLIAMS, A. M.; HALL, C Michael. Tourism and migration: new relationships between production and consumption. **Tourism geographies**, 2000. v. 2, n. 1, p. 5–27.